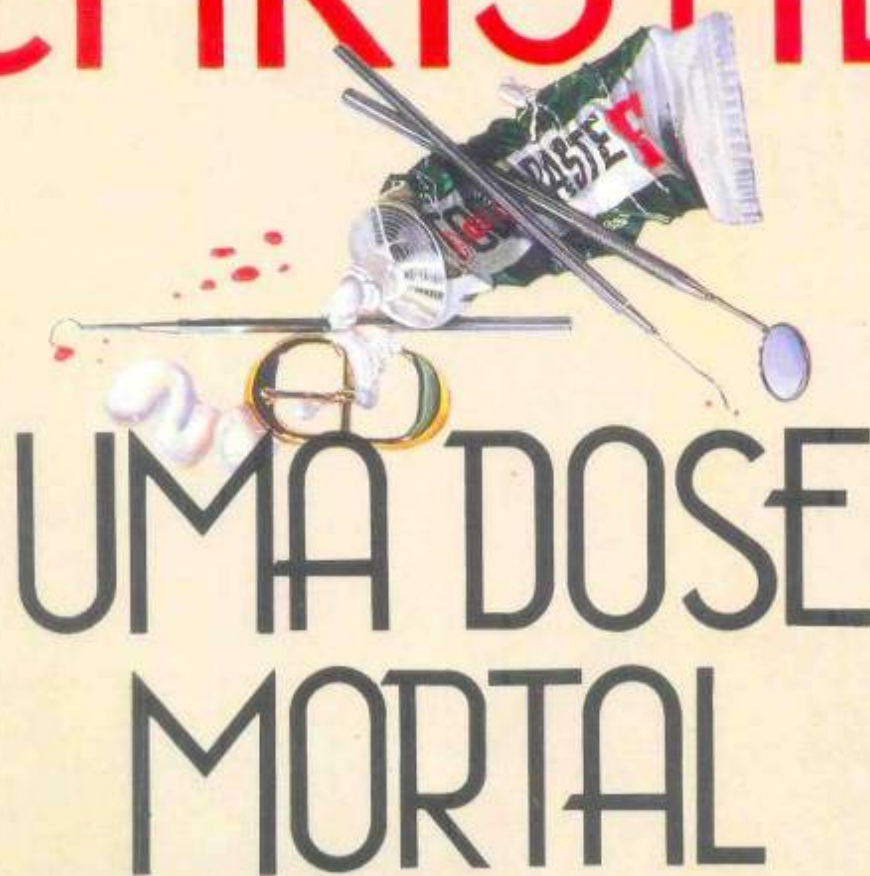


# AGATHA CHRISTIE



## UMA DOSE MORTAL



<http://groups.google.com/group/digitalsource>



AGATHA  
CHRISTIE

---

UMA DOSE  
MORTAL

Tradução  
NEWTON GOLDMAN



**EDITORIA RECORD**

Título do original em inglês:  
ONE TWO BUCKLE MY SHOE

Copyright © 1940.1941 by Agatha Christie Mallowan

Copyright desta edição  
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A., 1987  
Publicado sob licença da  
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Direitos desta edição  
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

---

Impresso no Brasil em oficinas próprias pelo  
Sistema Cameron da Divisão Gráfica da  
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.  
Rua Argentina 171 — São Cristóvão — 20921 — Tel.: 580-3668  
Rio de Janeiro — RJ

**ISBN 85-1-151605-0**

Distribuição exclusiva para bancas de jornais  
FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S.A.  
Rua Teodoro da Silva 907 — Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 268-9112

**Números atrasados, escreva para:**

RP Record Caixa Postal 23052  
Rio de Janeiro RJ 20922  
ou pelo telefone (021) 580-5182

## Contra Capa:

### UMA DOSE MORTAL

O Dr. Morley era um dentista de ar severo, pacato, bom, inofensivo. Quem poderia querer matá-lo?

A Srta. Sainsbury Seale, ex-atriz de teatro, chegara da Índia há apenas seis meses, onde vivera em Calcutá, trabalhando com missionários e dando aulas de imitação de voz. Ótima criatura, um tanto simplória, era incapaz de matar uma mosca. A quem sua morte poderia interessar?

O Sr. Amberiotis, milionário grego, morre no Hotel Savoy, onde está hospedado. *Causa mortis*: colapso por dose excessiva de adrenalina e provocaina, mistura usada pelos dentistas como anestésico local.

Qual seria a relação entre estas três mortes? Hercule Poirot estava diante de um quebra-cabeça intrigante, fatos isolados que tinham que ser unidos para formar um desenho coerente e lógico.

# Capítulo 1

O humor do Dr. Morley não estava dos melhores na hora do café. Reclamou o presunto; perguntou por que o café estava com gosto de água suja; e comentou sobre a má qualidade do pão.

Era um homem baixo, de queixo decidido e um ar severo. Sua irmã, que morava com ele, era, ao contrário, uma mulher enorme que lembrava um fuzileiro naval. Ela o examinou, por um instante, e perguntou se a água do chuveiro tinha estado fria novamente.

A contragosto o Dr. Morley respondeu que não; em seguida, olhou o jornal e comentou que o governo, aparentemente, estava passando do natural estado de incompetência para um completo grau de cretinice.

A Srta. Morley, com sua voz de baixo profundo, concordou com o irmão; e como era uma mulher simples, que não entendia nada de política, pediu ao irmão que lhe explicasse por que a atual política do governo era incompetente, idiota, imbecil e abertamente suicida.

Depois que o Dr. Morley respondeu à pergunta da irmã, tomou outra xícara do odioso café e desabafou a verdadeira razão do seu mau humor.

— Essas meninas são todas iguais — disse. — Irresponsáveis, egoístas, não se pode contar com elas para nada.

— Gladys? — arriscou a Srta. Morley.

— Acabei de receber um recado dela, dizendo que a tia teve um enfarte e que ela foi para Somerset.

— Um verdadeiro transtorno, meu querido, mas não foi propriamente culpa dela!

O Dr. Morley sacudiu a cabeça tristemente.

— Como é que eu vou saber se a tia teve mesmo um enfarte? Quem me garante que a Gladys não esteja mancomunada com aquele sem-vergonha que ela namora? Talvez até tenham ido à praia.

— Isso não, meu querido. Você mesmo sempre diz que ela é muito responsável.

— Lá isso é.

— Uma moça correta, trabalhadora como Gladys, não faria uma coisa dessas.

— Eu sei, Georgina, mas isso era antes dela conhecer aquele sujeito. Ultimamente ela não é mais a mesma; anda distraída, nervosa, chateada.

O fuzileiro deu um profundo suspiro de solidariedade.

— Acontece, Henry, que as mulheres se apaixonam, é inevitável.

— O que não é uma boa justificativa para se transformar numa funcionária relapsa. Ainda mais hoje! Um dia daqueles. Uma porção de pacientes importantes! Ê de matar.

— Sei como você deve estar se sentindo — disse a irmã, em tom apaziguador. — E o novo atendente, como está se saindo? O mau humor do dentista pareceu aumentar.

— Ê o pior que já tive. Não consegue guardar os nomes dos clientes e tem a educação de um carvoeiro! Se não melhorar vou despedi-lo e arranjar outro. Não sei para que servem nossas escolas, hoje em dia. Acho que para formarem idiotas, em série, que não entendem nada do que se lhes diz, incapazes até de anotarem um recado.

Dr. Morley olhou para o relógio.

— Já está na hora. Uma manhã cheia e ainda tenho que encaixar a Sainsbury Seale, num intervalo, pois está com dor de dentes. Sugeri que fosse ao Reilly, mas ela se recusou.

— E com toda a razão — disse Georgina, lealmente.

— Reilly é muito competente. Está sempre em dia com os avanços tecnológicos.

— As mãos dele tremem — disse a Srta. Morley. — Para mim, acho que ele bebe.

Morley riu, feliz. Seu bom humor estava restabelecido.

— A uma e meia eu subo para comer um sanduíche.

No Hotel Savoy, o Sr. Amberiotis palitava os dentes, satisfeito da vida. Tudo ia às mil maravilhas. A sorte lhe sorria novamente; apenas algumas palavras amáveis àquela mulher imbecil e os lucros exorbitantes não tardariam em vir.

Ele sempre fora um homem bom e “generoso”! Visões de benevolência flutuavam diante dos seus olhos! O pequeno Dimitri; o bom Constantopoulos, lutando para manter seu pequeno restaurante, enfim... que grande surpresa para eles. O palito tocou inadvertidamente num dos dentes e o Sr. Amberiotis prendeu a respiração. As visões róseas do futuro se apagaram e deram lugar às apreensões do presente imediato. Sua língua explorou com carinho e cuidado o dente sensível. Amberiotis folheou o caderno de apontamentos: meio-dia, Dr. Morley, Rua Rainha Charlotte, 58.

Em seguida, tentou recapturar a alegria recém-perdida, mas em vão. Seu horizonte tinha-se transformado em seis palavras: meio-dia, Rua Rainha Charlotte, 58.

O café da manhã, no Hotel Glengowrie Court, estava chegando ao fim, e os hóspedes estavam se dirigindo para o saguão. A Srta. Sainsbury Seale estava sentada, ao lado da Sra. Bolitho. Durante as refeições as duas ocupavam mesas adjacentes e, desde a chegada da Srta. Sainsbury Seale, há uma semana atrás, tinham-se tornado amigas.

— Quer saber de uma coisa — disse a Srta. Sainsbury Seale, — parou de doer. Não sinto mais nada. Acho que vou telefonar.

A Sra. Bolitho a interrompeu. Era uma mulher alta, autoritária, dona de uma voz ressonante.

— Não seja tola, meu bem. Vá ao dentista e acabe logo com isso!

A Srta. Sainsbury Seale era uma mulher de quarenta e poucos anos, de cabelos louros, mal tingidos, arrumados em cachos; suas roupas eram esquisitas, com um toque pseudo-artístico e seus óculos recusavam-se a ficar parados no nariz. Além disso, era uma irremediável falastrona.

— Mas, realmente, não está doendo nada! — protestou, em tom de súplica.

— Tolice, a Senhorita mesma me disse que quase não dormiu a noite passada.

— Eu disse isso? Que bobagem, imaginem! Vai ver, até o nervo já morreu.

— Mais uma razão para ir ao dentista — insistiu a Sra. Bolitho, com firmeza. — Todos nós gostamos de adiar esses problemas, mas não devemos nos entregar à covardia. O melhor e tomarmos coragem e acabarmos logo com isso!

Um murmúrio de rebeldia se formou nos lábios da Srta. Sainsbury Seale.



É fácil falar quando o dente não é da gente, pensou.

— Acho que a senhora tem razão — admitiu a sofredora Sainsbury Seale. — O Dr. Morley é tão cuidadoso e quase sempre a gente nada sente.

A reunião da junta dos diretores estava encerrada. Tudo correu como devia; o resultado foi ótimo e não houve, sequer, uma nota de desacordo. Apesar disso, o Sr. Samuel Rotherstein, um homem muito sensível, notou uma pequena modificação no comportamento do presidente da mesa. Uma certa impaciência, um azedume que não se coadunava com o bom andamento dos trabalhos.

Alguma preocupação secreta? Rotherstein não podia imaginar Alistair Blunt com alguma preocupação secreta. O Sr. Blunt sempre tão frio, tão formal, tão inglês! Quem sabe era fígado? O fígado de Samuel, às vezes, lhe dava trabalho, mas nunca ouvira Blunt queixar-se do fígado. A saúde do presidente era tão boa quanto sua perspicácia e seu tino comercial.

Mas que havia alguma coisa, isso era evidente. Uma ou duas vezes, o presidente passou a mão pelo rosto, e durante a reunião sustentou o queixo com a mão; um gesto que não lhe era habitual. Além do mais, durante os trabalhos, Blunt parecia distraído.

Saíram da sala de reunião e se dirigiram para os elevadores.

— Posso lhe dar uma carona? — perguntou Rotherstein.

Alistair Blunt sorriu, sacudindo a cabeça.

— Meu carro está lá embaixo — respondeu, olhando o relógio. — Não vou para a cidade, tenho hora marcada no dentista.

O mistério estava solucionado.

Hercule Poirot desceu do táxi, pagou o chofer e tocou a campainha da porta.

Após uma breve espera, a porta foi aberta por um rapazinho sardento, de cabelos vermelhos, vestindo um uniforme de atendente.

— O Dr. Morley? — perguntou Poirot.

Em seu coração batia a ridícula esperança de que o Dr. Morley não estivesse, ou que não pudesse atender ninguém — Em vão! O atendente afastou-se e Hercule Poirot entrou. A porta fechou-se, atrás dele, com a inexorável inconsciência da fatalidade.

— Seu nome, por favor? — perguntou o rapazinho.

Poirot deu o nome e foi levado para a sala de espera, um local decorado com bom gosto, mas, segundo Poirot, de uma severidade jesuítica. Numa mesa, vários jornais e revistas arranjados cuidadosamente. Sobre a lareira, um relógio de bronze, ladeado por dois vasos de porcelana chinesa. As janelas, envoltas em cortinas de veludo azul, e as cadeiras e as poltronas forradas do mesmo material. Uma das cadeiras estava ocupada por um senhor de aspecto militar, pele amarelada e vastos bigodes. Olhou para Poirot como quem enfrenta um inseto nocivo. Pareceu procurar, não por um revólver mas por uma bomba de Flit, para eliminar a nova e desagradável presença.

Poirot o examinou com impaciência.

Verdadeiramente, pensou, existem alguns ingleses que são tão desagradáveis e ridículos que deviam ser poupados da desgraça de viver!

O militar, por sua vez, depois de um longo exame, agarrou

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

